

Feito à mão



Vida longa

O trabalho das Redeiras trouxe atenção para a colônia Z-3, no sul do Rio Grande do Sul. Hoje, as artesãs sustentam suas famílias com a própria arte e espalham uma mensagem de união

ao artesanato

Em meio às mudanças da contemporaneidade, artesãos, com coragem e dedicação, mantêm vivos conhecimentos ancestrais. Conheça algumas histórias

POR GIOVANNA FISCHBORN

Uma tradição é um conhecimento passado no dia a dia de uma comunidade ou um costume familiar que vai de geração em geração. Essa é a essência do artesanato. A beleza não se materializa só no produto final — traduz também histórias, memórias e saberes.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que 67% dos municípios têm o artesanato na economia local. Em meio a tantas mãos talentosas, conversamos com arte-

sãos que mostram o que é fazer arte em um país com tantos jeitos e a importância do trabalho manual em um mundo tão rápido e fugaz.

No sul do Rio Grande do Sul, nove mulheres vêm se destacando com um artesanato pra lá de original, mas com raízes na tradição. Elas criam bolsas, carteiras, necessaires e bijoias. A matéria-prima? Redes de pesca já aposentadas pelos pescadores da região, e que seriam descartadas. Por isso o nome do grupo: Redeiras.

As artesãs são Adriana Xavier Sabino, Diva Francisca da Rosa, Eliani Aires Ferreira, Flávia Silveira Pinto, Karine Portela Soares, Mari Ângela Motta Lima (Zuca), Vilma Palins, Viviane Ramos e Rosani Schiller. Elas vivem na Colônia Z3, a 30km de Pelotas (RS). A comunidade fica às margens da extensa Lagoa dos Patos, que tem 265 quilômetros de comprimento. Hoje, 1,5 mil famílias buscam nessas águas o sustento por meio da pesca. O local é bastante isolado em termos de sinal de telefone e internet.

Rosani, apelidada de Nica, nem sempre foi artesã das Redeiras. Em 2008, ela trabalhava no escritório regional do Sebrae e sua primeira função foi apoiar, articular e coordenar a iniciativa das artesãs. Ela lembra que uma delas buscou o apoio da instituição para entrar para um projeto nacional de investimento em artesanato de pequenas comunidades. Foi assim que Nica as conheceu. Até hoje, ela cuida dos detalhes mais burocráticos do grupo, mas se rendeu também à arte.

Hoje, Nica se dedica integralmente às atividades das Redeiras. Ela garante que a vida de todas mudou desde que o grupo se firmou. “Inicialmente, muitos maridos olhavam atravessado porque as esposas estavam em atividade. Agora, o trabalho delas é a renda de mais ou menos 20 famílias da região. As artesãs sentem-se valorizadas, por estarem ativas. É bacana porque, antes, muitas dependiam exclusivamente da pesca e, quando ela não estava em boa fase, passavam dificuldades”, conta.

Etapas da criação

Os pescadores já sabem que podem doar para elas as redes que não suportam mais consertos. Como a pesca é a principal atividade por ali, os estoques costumam estar cheios. Com esse emaranhado em mãos, elas lixam a peça, retiram galhos e recortam partes sem utilidade. O que sobra é lavado com sabão em pó e amaciante. Com tudo higienizado, posicionam as redes nas coxas ou em